



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS-INGLÊS

GISELE DE OLIVEIRA LOPES

**VOZES AMARGAS:  
UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA FIGURA DO ESCRAVO EM ÚRSULA  
DE MARIA FIRMINO DOS REIS E A NARRATIVA DA VIDA DE FREDERICK  
DOUGLASS DE FREDERICK DOUGLASS**

PORTO NACIONAL-TO  
2022

GISELE DE OLIVEIRA LOPES

**VOZES AMARGAS:  
UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA FIGURA DO ESCRAVO EM ÚRSULA DE  
MARIA FIRMINO DOS REIS E A NARRATIVA DA VIDA DE FREDERICK  
DOUGLAS DE FREDERICK DOUGLASS**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT — Universidade Federal do Tocantins — Campus Universitário de Porto Nacional Curso de Letras- Inglês para obtenção do título de Licenciatura em Letras Habilitação em Língua Inglesa e Literatura e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> ALESSANDRA CRISTINA RIGONATO

PORTO NACIONAL-TO  
2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

L864v Lopes, Gisele de Oliveira .  
Vozes amargas: uma análise comparativa da figura do escravo em úrsula de maria firmino dos reis e a narrativa da vida de Frederick Douglas de frederick douglass . / Gisele de Oliveira Lopes. – Porto Nacional, TO, 2022.  
29 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –  
Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua  
Inglês e Literaturas, 2022.

Orientador: Alessandra Cristina Rigonato

1. Vozes amargas. 2. Escravidão. 3. Liberdade. 4. Frederick  
Douglass. I. Título

**CDD 420**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

# FOLHA DE APROVAÇÃO

GISELE DE OLIVEIRA LOPES

## VOZES AMARGAS:

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA FIGURA DO ESCRAVO EM ÚRSULA DE  
MARIA FIRMINO DOS REIS E A NARRATIVA DA VIDA DE FREDERICK  
DOUGLAS DE FREDERICK DOUGLASS

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT —  
Universidade Federal do Tocantins — Campus  
Universitário de Porto Nacional Curso de Letras-  
Inglês para obtenção do título de Licenciatura em  
Letras Habilitação em Língua Inglesa e Literatura  
e aprovada em sua forma final pelo Orientador e  
pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 18 / 12 / 2021

Banca Examinadora

---

Profa. Dra. Alessandra Cristina Rigonato, UFT

---

Profa. Dra. Marília Fátima de Oliveira, UFT

---

Prof. Ms. Sanio Santos da Silva, UFBA

Porto Nacional –TO

2022

## **AGRADECIMENTOS**

Os meus agradecimentos; em primeiro lugar vão a Deus, que me fez acreditar em meus sonhos outrora esquecidos, e podendo torná-los reais, portanto, é com muita gratidão que chego hoje para escrever meu trabalho de conclusão de curso, em segundo lugar agradeço aos meus familiares que me apoiaram, minha mãe Terezinha, ao meu pai Estácio, meu amado filho Patrick, minha irmã Gislaine que me ajudou.

Há professores que não posso deixar de colocar aqui o meu apreço, minha querida e amável orientadora, Alessandra Rigonato, as professoras do curso de Letras-Inglês; Adriana Capuchinho, Marília de Fatima, e a professora Lívia Chaves, a professora Glória do curso de Letras-Português, essas mulheres foram norteadoras do meu desenvolvimento como aluna e como pessoa que hoje sou, ainda em construção.

Com muita gratidão à ajuda de pessoas que fazem parte do corpo de docente e discente da UFT CAMPUS-Porto Nacional cheguei ao final dessa Graduação!

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre as similaridades e disparidades entre duas personagens negras e escravizadas, presentes na literatura de cunho abolicionista, Túlio de *Úrsula*, de Maria Firmino dos Reis, e *A Narrativa da Vida de Frédéric Douglas*, escrita por Frederick Douglas, sendo respectivamente uma obra brasileira e outra americana, contudo ambas relatam as atrocidades da escravidão, o trabalho consiste elencar pontos na escrita das referidas obras, que nos levará a conhecer a constituição fragmentada de cada uma das personagens, identificando cicatrizes deixadas pelas mazelas da escravidão, como o silêncio, a prisão tanto literal quanto psicológica, noção de liberdade. Quanto aos aportes teóricos trabalho, o estudo se baseia no conceito de intertextualidade (KRISTEVA, 1974) e no conceito de trauma colonial (FANON, 1952). A metodologia se baseia na pesquisa bibliográfica. A análise da obra permitiu diagnosticar através das vozes amargas das personagens escravas em análise, que a escravidão foi um ato de genocídio e que precisa sim ser tratado, trabalhado por meio de análise e reflexão, garantindo que epistemologias diversas que existem em nosso pluriculturalismo sejam conhecidas e respeitadas, com a finalidade de não se calar as vozes negras dando amplitude às epistemologias da supremacia branca que voltará a prevalecer.

**Palavras-chaves:** vozes amargas; escravidão; liberdade; Maria Firmino dos Reis; Frederick Douglass.

## ABSTRACT

This paper aims to reflect on the similarities and disparities between two black and slave characters present in abolitionist literature, Túlio in *Úrsula*, by Maria Firmino dos Reis, and *A Narrativa da Vida de Frederick Douglass* by Frederick Douglass, being respectively a Brazilian and a North American work. Although both narratives report the atrocities of slavery, this research consists of listing specific aspects in the writing of these works, which will lead us to know the fragmented constitution of each of the characters, identifying scars left by the ailments of slavery, such as silence, both literal and psychological imprisonment, and the notion of freedom. Under the light of comparative literature (KRISTEVA, 1974) and the concept of colonial trauma (FANON, 1952), the methodology is based on bibliographical research. The analysis of the work allowed us to diagnose, through the bitter voices of the slave characters under analysis, that slavery was an act of genocide and that it needs to be dealt with, worked through analysis and reflection, ensuring that the diverse epistemologies that exist in our pluriculturalism are known and respected, in order to not silence black voices, which could entail a rise of the epistemologies of white supremacy again.

**Keywords:** bitter voices; slavery; freedom; Maria Firmino dos Reis; Frederick Douglass.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO MEU MOSAICO .....</b>           | <b>9</b>  |
| <b>2 DAS ORIGENS DO CAMINHO EM DIREÇÃO ÀS VOZES AMARGAS.....</b> | <b>14</b> |
| <b>3 A PINTURA DAS VOZES AMARGAS.....</b>                        | <b>19</b> |
| <b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                              | <b>27</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>28</b> |



## 1 INTRODUÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO MEU MOSAICO

Nesta monografia analiso uma das possíveis leituras das obras *Úrsula* (1859) e *A Narrativa de Vida de Frederick Douglass* (1845). A primeira constitui uma obra literária de ficção pertencente ao Romantismo brasileiro - movimento artístico em que predomina o subjetivismo, culto à natureza, sentimentalismo e da fuga da realidade - —Ele entanto resignava-se; e se uma lágrima a desesperação lhe arrancava, escondia-a no fundo da sua miséria. Assim é que o triste escravo arrasta a vida de desgostos e de martírios, sem esperança e sem gozos!! (REIS, 2018, p.18), o romance se passa no Nordeste Brasileiro

Enquanto a segunda narrativa é uma autobiografia de Frederick Douglass que registra sua vida desde a infância no seio da escravidão até sua liberdade, se passa no Sul dos Estados Unidos da América, onde ele é o autor e narrador personagem, requisitos necessários para que obra seja identificada como autobiografia, segundo a obra seminal de Lejeune, (1973) —Para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima) é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagemll (LEJEUNE, 2003,p.15). Essa intimidade é vista na obra de Frederick Douglas por meio de sua negação, —Mesmo em minha infância, a falta dessa informação era fonte de infelicidade para mim. As crianças brancas sabiam a sua idade, e eu não entendia por que não podia ter o mesmo privilégio!! (DOUGLASS, 2018, p. 37).

A leitura em particular se detém sobre duas personagens: Túlio e Frederick Douglas das respectivas obras. Este trabalho não pretende exaurir o tema da representação da personagem escravizada nessas obras, mas centrar-se em uma visão particular das duas personagens supracitadas.

Aqui estão as razões para a construção deste mosaico. Uma obra de ficção que interpreta a sociedade, e uma obra que tem valor de testemunho, —Ele é objeto de um pedido de amor. É levado a tomar partido, a ser testemunha, como se fosse membro do júri de um tribunal criminal ou de recurso.ll (LEJEUNE, 2003, p.50). Como nos apresenta Lejeune (1973) a veracidade da autobiografia, Frederick Douglas endossa essa veracidade na sua escrita, ele testemunha em seu favor. Sendo assim, faço uso desta para contrastar a outra, já que os fatos ocorridos entre as obras são de

relevância para entender a crueldade da escravidão, que abolida, porém seus estragos perpassam por anos e causando a atrocidade que se chama racismo institucionalizado, afetando a sociedade atual em que vivemos no século XXI.

O racismo não se resume só aceitação da pessoa de cor diferente, mas é uma conjuntura ampla. Os jovens negros periféricos que não encontram lugares nas universidades e são levados a ocupar cargos com salários inferiores e muitas das vezes por falta de capacitação para as poucas vagas de empregos, entram na criminalidade, assim, os negros formam o maior número da comunidade carcerária.

O desprezo acadêmico pela literatura negra, onde se dá preferência pelas literaturas produzidas por escritores brancos, até mesmo nas escolas públicas brasileiras, por exemplo eu não conhecia Maria Firmino Dos Reis, e poucos professores na faculdade sabiam da sua existência, mesmo ela sendo um marco na leitura brasileira.

A voz dos negros autores não podem ser caladas, pois assim como jornalistas ousam escrever uma reportagem<sup>1</sup> que coloca em dúvida os estragos causados pela escravidão, outras pessoas também o farão.

O jornalista do jornal Folha de São Paulo, Leandro Narloch, escreveu uma reportagem com a intenção de minimizar o ocorrido durante a escravidão no Brasil, ele apresenta as histórias das Sinhás negras que após conquistarem suas respectivas liberdades conseguiram enriquecer e possuíram joias e escravos, assim como os homens brancos, em suas palavras diz que não há culpados pela escravidão.

Se há um responsável pela crueldade escravista, não são exatamente os portugueses ou africanos que tiveram escravos. Muito menos os imigrantes europeus ( cuja a maioria chegou por aqui no finalzinho da escravidão). a culpa é a época e seus valores diferentes dos nossos.( NARLOCH, 2021).

---

<sup>1</sup> Para acessar a reportagem referida: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/leandro-narloch/2021/09/luxo-e-riqueza-das-sinhas-pretas-precisam-inspirar-o-movimento-negro.shtml>. Acesso em 05 de novembro de 2021.

Essa não pode ser a única opção de leitura, trazendo somente o ponto de vista do colonizador. É importante ouvir as experiências relatadas por pessoas que sentiram na pele as dores da escravidão. Precisamos libertar a voz dos autores negros, a luta por liberdade não terminou.

Na obra *Epistemologia do Sul* (2009) as autoras de estudos decoloniais, Santos e Meneses, defendem a necessidade de se trabalhar a diversidade de epistemologia, não permitindo que exista apenas a epistemologia dominante;

Toda a experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõe uma ou várias epistemologias. Epistemologia é toda a noção ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. (SANTOS, MENESES 2010; 01)

A epígrafe da obra remete exatamente à necessidade de se buscar o conhecimento das vozes do Sul, —Uma epistemologia do sul assenta em três orientações; aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul. (SANTOS, MENESES, 1995, p.508).

Para aprendermos sobre o Sul precisamos falar sobre isso, ir atrás das literaturas que falam sobre, e de uma maneira mais prática, ir à fonte, ouvir a voz de autores que vivenciaram as amarguras das senzalas do Sul. Por isso a comparação entre as obras de Frederick Douglas e a Maria Firmino Reis é importante, tendo em vista que a pesquisa não contempla apenas a questão abolicionista do Norte (EUA), mas também o contexto brasileiro, uma voz do Sul.

Nesse contexto, esta pesquisa se interroga sobre quem são essas personagens? Por que suas vozes são amargas? Que características se sobressaem nas personagens escravas dessas obras? Como essas personagens lidam com sua liberdade recém-adquirida? Como a leitura dessas personagens do passado escravagista contribui para pensar a questão racial na sociedade contemporânea?

O objetivo geral dessa monografia, portanto, é apresentar se houve integração social das personagens das respectivas obras. Os objetivos específicos configuram analisar a constituição de ambas as personagens; interpretar como a liberdade é vista por cada uma delas; refletir sobre as relações de poder que essas figuras retratam no período das obras e suas refrações na contemporaneidade.

Por meio de pesquisa de natureza bibliográfica surge a análise comparativa restrita às personagens destacadas em cada uma das obras e seus contextos

socioeconômicos, culturais e geográficos em que cada uma foi escrita. A diferença de gênero textual em ambas as obras é evidente, no entanto, as obras foram escritas dentro do mesmo período histórico, a escravidão.

Após a leitura das obras em destaque e tendo coletado aspectos similares e distintos que constituem cada uma das personagens, e olhando mais de perto em busca de identificar os possíveis motivos que aproximam personagens tão distantes geograficamente, porém, compartilham a mesma angústia do existir, estando trancafiadas pela escravidão.

Assim se justifica o uso das literaturas no viés da literatura comparada, para colheita de dados, buscando por detalhes na composição de cada personagem, como são mencionados pelo narrador, por outras personagens e por si próprios. Como se constitui cada uma delas, através das mazelas da escravidão, o seu silêncio, o sentido de liberdade, como é se veem enquanto escravizados e ex-escravizados.

Os textos, como já foi mencionado aqui, pertencem a nacionalidades distintas, mas o trabalho da literatura comparada não se atém só ao contexto nacional, a intertextualidade é avida como nos afirma Carvalhal (2006):

(...) os estudos literários comparados não estão apenas a serviço das literaturas nacionais, pois o comparatismo deve colaborar decisivamente para uma história das formas literárias, para o traçado de sua evolução, situando crítica e historicamente os fenômenos literários. (Carvalhal, 2006: 55).

Nessa visão, esta pesquisa trabalha a intertextualidade (KRISTEVA,1966) existente nas referidas obras, em busca das similaridades ou não, entre ambas, para assim conhecer os respectivos contextos históricos, e ouvir a mensagem que cada autor traz para seu leitor, se há concordância entre suas vozes amarguradas pela escravidão. Sendo assim, a intertextualidade será um meio para análise.

Esta análise constrói um texto novo através da leitura dos textos usados para pesquisa bibliográfica, fazendo nascer um mosaico, —todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto (KRISTEVA, 2005, p. 68). Este mosaico tem como finalidade reforçar a mensagem desses autores que falam para a minoria.

O texto não é um conjunto de enunciados gramaticais ou agramaticais; é

aquilo que se deixa ler através da particularidade dessa conjunção de diferentes estratos da significância presente na língua, cuja memória ela desperta: a história (KRISTEVA, 2005, p. 20).

O primeiro capítulo é dedicado a conhecer essas vozes literárias e os caminhos que me levaram até elas, bem como delinear o contexto socioeconômico e cultural em que ambos os textos afloram.

O segundo capítulo desperta a história das personagens Túlio e Frederick Douglass, elencando pontos de suas histórias e confrontando-os.

As considerações finais buscam responder às indagações que animam a pesquisa, que conduziram o estudo e comparação das obras.

## 2 DAS ORIGENS DO CAMINHO EM DIREÇÃO ÀS VOZES AMARGAS

...prosseguiu o negro com voz amarga. — é desse homem de sangue, dessa fera indômita. Oh! Vós não conheceis o comendador, e vossa alma generosa terá de repugnar em face das barbaridades, que ele pratica cada dia. Implacável é o seu ódio... ( REIS, 2018, p. 96).

A voz amarga acima descreve a experiência da escravidão. O tráfico de negros para as américas se inicia por volta do século XVI, estima-se que 11 milhões de negros foram trazidos para as Américas com finalidades escravagistas, sendo que para o Brasil esse número por volta de 4 milhões.

Em 1831 há a proibição do tráfico negreiro para o Brasil, há um enfraquecimento no comércio escravagista, mas só em 1859 consegue-se realmente parar o tráfico negreiro, e em 13 de maio de 1888 finalmente a Lei Aurea proíbe a escravidão no Brasil.

Enquanto na escravidão dos Estados Unidos da América a abolição veio no dia 31 de janeiro de 1863, porém só em dezembro de 1885 é realmente proibida pelo Congresso, com aprovação da décima terceira emenda à constituição, cerca de

4 milhões de negros, já nos finais da Guerra Civil, guerra esse palco de muito derreamento de sangue, conflitos entre os Estados do norte e os Estados do sul. Conhecida também como Guerra de Secessão ela durou de 1861 a 1865 envolvendo os burgueses da indústrias do norte e os aristocratas do sul, a divergência era contra a expansão da escravidão e tarifas alfandegarias para o território do Oeste americano.

Na literatura brasileira, a representação do escravo é vista na obra *A Escrava Isaura* (1875) um romance de Bernardo Guimarães, escritor do período romancista brasileiro, ficou muito reconhecido por esta obra. Isaura nasceu de um romance entre um feitor português e uma escrava mulata. Teve promessas de ser livre, mas não alcança sua alforria, mesmo com toda a educação recebida ao ser criada por sua senhora como filha após a morte de mãe. Uma obra de autoria branca em que a personagem escrava é embranquecida desde a cor da pele —...sentada ao piano uma bela e nobre figura de moça. A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. (GUIMARÃES, 1879, p.03), quanto pela sua

educação Mais tarde procurou-lhe também mestres de música, de dança, de italiano, de francês, de desenho, comprou-lhe livros ...a mais esmerada e fina educação (GUIMARÃES, 1879, p. 07) a finalidade era alcançar os gostos dos leitores brancos.

Na literatura norte americana, onde o fim da escravidão foi marcado por uma guerra civil sangrenta, há uma diversidade de escritores negros, contemporâneos ao nosso escritor autobiográfico, Frederick Douglas; listo alguns deles aqui, Henry Bibb, John Thompson, Harriet Jacobs, Josiah Henson, William Wells. Esses escritores, (ex)escravizados, em suas autobiografias, relatam sempre a amargura de suas vidas de escravos e relatam maus tratos e suas tentativas de fugas em busca de liberdade.

Maria Firmino dos Reis (1822-1917), uma mulher negra, filha de uma mulher branca que ficou grávida fora do casamento, seu pai era um homem negro de quem foi negado o nome na certidão de nascimento de Reis. Ficando órfã aos 4 anos, foi para a casa de uma tia materna onde conseguiu acesso à educação formal. Galgou o cargo de professora da rede pública do estado do Maranhão, chegou a fundar uma escola para menino e meninas, o que era proibido em sua época, produziu grandes escritos literários, a novela indianista chamada *Gupeva* (1861), o livro de poesias *Cantos à beira-mar* (1871), o conto *A escrava* (1887), além de composições musicais e *Úrsula*, romance abolicionista de 1859.

Assim como Virginia Wolf sugere uma irmã a Shakespeare, e que essa irmã teria sido tão brilhante quanto o Shakespeare, aqui temos Reis que se tivesse *Um Teto Todo Seu* (WOOLF, 1929) poderia ter produzido muito mais, e não lhe teria sido negado assinar sua obra *Úrsula* (1859) que recebeu o pseudônimo —*Uma maranhense*”. O seu rosto foi confundido pelos das escritoras brasileiras, como Auta de Souza e Maria Benedita Câmara Bormann, uma paraibana e a outra gaúcha ficando assim silenciada por quase 100 anos.

Na década de 60 seu livro foi redescoberto pelo historiador Horácio de Almeida, que resgatou todas as suas obras como podemos conferir melhor na reportagem, da Revista arte Cult, escrita por Hêlo D'Angelo intitulada, *Quem foi Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista brasileira*.

Esquecida por décadas, sua obra só foi recuperada em 1962 pelo historiador paraibano Horácio de Almeida em um sebo no Rio de Janeiro — e, hoje, até seu rosto verdadeiro é desconhecido: nos registros oficiais da Câmara dos Vereadores de Guimarães está uma gravura com a face de uma mulher branca, retrato inspirado na imagem de

uma escritora gaúcha, com quem Firmina foi confundida na época. O busto da escritora no Museu Histórico do Maranhão também a retrata —embranchidall, de nariz fino e cabelos lisos. ( D'ANGELO, 2017)

No entanto, o sistema escravocrata não conseguiu apagar a escrevivência (JESUS, 2015) de Reis, hoje ela se encontra mais viva que nunca e pode contar através da voz amarga de sua personagem Túlio sobre esse trauma colonial. Já que soaria impróprio dizer que tenha sido uma —aventura colonialll como disse Fanon, em *Peles Negras, Máscaras Brancas*, (1952). Se foi uma aventura, essa só pode ter sido para o homem branco já que para o homem negro foi um genocídio, deixando feridas que não cicatrizaram, mas sangram até hoje, danos quase irreversíveis principalmente para a sociedade negra.

Frederick Douglass (1818-1895) nasceu na região sul dos Estados Unidos da América, filho de uma negra escrava, a quem pouco viu em sua infância, com um suposto homem branco que não conheceu. Sua data de nascimento também não sabe por certo. Desde cedo a inquietação em sua alma pela sua triste condição de escravo o leva a buscar por meios de libertação. Após conseguir fugir, se casou com uma mulher negra alforriada e consegue sua carta de alforria e dar continuidade ao seu letramento, que começou ainda escravo, prossegue um percurso de orador em movimentos abolicionistas. Autor de diversas obras, sendo a primeira analisada nessa investigação, *A Narrativa de Vida de Frederick Douglas*, (1845).

Temos aqui dois autores abolicionistas. Quando *Úrsula* foi redescoberta por Almeida a voz de Reis voltou a soar. Em seu prólogo ela deixa claro que sabia do risco de ser calada, esquecida, —Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros...uma mulher brasileira de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem;ll (REIS, 2018, p. 12).

A sociedade que calou REIS abafando seus escritos, pelo fato de ser uma mulher negra em uma sociedade patriarcal e escravocrata, onde a mulher não tem voz, ela escrevia para confrontar essas pessoas, ouvir sua voz se faz necessário no emblemático contexto atual do século XXI. Reis é a primeira mulher afrodescendente a escrever denunciando a violência da escravidão do seu país, já que a sua obra *Úrsula* (1859) antecede a obra de Castro Alves *O Navio Negreiro* (1869), que foi

registrada como marco da literatura abolicionista, trazendo relatos de como os



negros chegavam ao Brasil no porão dos navios.

É preciso ter em mente, ainda, que a existência de uma autora como Firmina — mulher, negra e educada — parece ser uma contradição à representação feminina na literatura produzida no país de meados do século XIX. O desafio é pensar como uma escritora tão emblemática continua à margem da tradição literária, mesmo tendo continuamente oferecido —provas de seu talentoll ao confrontar, em pleno século XIX, os limites do etnocentrismo escravocrata e ao problematizar o lugar da mulher e do negro em sociedade sexista que ainda mantém reflexos vivos no Brasil atual (CASTRO, IN ÚRSULA , 2018, p. 10)

Essas são palavras do professor Danglei de Castro Pereira, Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) com pós-doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de literatura brasileira na Universidade de Brasília (UnB), escreveu para defender a publicação da 2ª edição da obra *Úrsula* (2018).

Do outro lado, Frederick Douglass um negro escravizado que se recusa a viver nessa condição desumana pelo resto de sua vida, com muita luta e persistência ele consegue fugir, assim feito, ele trabalha pelo bem maior em favor dos seus irmãos. Tornou-se um grande aliado para o movimento abolicionista, chegou a recrutar homens negros para lutar no exército na Guerra Civil, foi diretor de jornal, um estadista, chegou a se candidatar ao cargo de presidência em seu país, Estados Unidos da América, hoje reconhecido mundialmente.

Nomes que não podem ser apagados, vozes que não podem ser caladas, pois suas escritas como diz Conceição Evaristo, —A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ninar os da Casa-Grande e sim para incomodá-los em seus sonos injustosll, (EVARISTO, 2007, p. 21), quanto mais silenciadas.

Durante o curso de letras, sempre observei como as disciplinas conversam entre si, e em uma aula da disciplina de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Língua Inglesa e Literaturas II, a professora trouxe um vídeo em uma discussão sobre multiletramentos, e no vídeo eu percebi a seguinte fala —eles não são paulistanos, eles não são brasileiros, eles são faveladosll Dagmar (2014), o documentário *A ponte* (2014). Neste documentário é relatado como a ponte do rio Pinheiros, que divide dois bairros do Estado de São Paulo, onde de um lado fica a favela e do outro lado a sociedade detentora do poder. Os jovens periféricos que em sua maioria são negros descendentes de ex-escravizados, que foram rejeitados desde

o fim da escravidão, e continua até hoje a segregação.

Contexto fundamental para pensar nas relações históricas de poder. Quando a pedagoga Dagmar comenta sobre o tratamento da população da favela, essa forma de exclusão social me fez lembrar da personagem Shylock de *O Mercador de Veneza* (1596) de Shakespeare, obra que me fora apresentada na disciplina de Literatura da Língua Inglesa I. A obra relata a segregação racial ao judeu naquela época, e que como sabemos futuramente se deflagrou no Holocausto nazista, durante a Segunda Guerra Mundial, por volta dos anos de 1937 a 1949. Assim como os favelados descritos no vídeo, Shylock tampouco tinha direitos de cidadão veneziano.

Shylock — Signor Antônio, muitas e muitas vezes no Rialto o senhor me taxou disso e daquilo por causa dos meus dinheiros e as minhas taxas de juros. [...] O senhor me chama de infiel, de cão raivoso, e cospe na minha gabardina de judeu. E tudo porque faço uso daquilo que é meu. Pois bem, agora parece que você está precisando de minha ajuda. (SHAKESPEARE, 2008, p.40)

Era cuspidado em público e humilhado, vivia no subúrbio veneziano e ao sair à rua tinha que usar o seu gorro vermelho como forma de identificação judaica.

Diante das discussões contemporâneas sobre racismo, é possível pensar em uma analogia entre a figura do judeu de Shakespeare e a figura das narrativas de (ex)escravizados, considerada à margem da sociedade, surge então meu interesse em buscar como a personagem do escravo aparecia em obras do período escravocrata.

### 3 A PINTURA DAS VOZES AMARGAS

A análise das personagens ocorre sob a luz do texto teórico de Candido (1963) "A Personagem do Romance ". Para Candido a personagem é o elo que liga o enredo e as ideias, ela "*vive o enredo e as ideias, e os torna vivos*". A personagem em sua verossimilhança pode nos dizer muito sobre si e sobre o outro, das contradições humanas, sendo que o ser fictício se restringe à delimitação do seu narrador, enquanto o ser humano é imanente controverso em sua infinitude, parafraseando Candido (1963).

Reis cria sua personagem Túlio como uma personagem de segundo plano em um romance que aborda as austeridades vivenciadas na sua sociedade vigente, no entanto, consciente de quem o leria, a classe escravagista, trouxe na sua narrativa a história romântica de um casal de brancos sendo os protagonistas, porém o lugar de fala (DJAMILA, 2017) dos personagens negros é de grande relevância para o movimento abolicionista vigente em seu período, Reis inova no contexto neste requisito, pois em seu texto as personagens negras falam do seu lugar de martírio, lugar de dor, quebram o silêncio na senzala, não são personagens idealizadas como vimos em *A Escrava Isaura* (1875).

Vejamos o que a personagem de Túlio fala sobre si e sobre sua visão do outro. —E ao coração tocou-lhe piedoso interesse, vendo esse homem lançado por terra, tinto em seu próprio sangue (REIS, 2018, p.18), a personagem tem uma visão humana sobre o outro.

Túlio desde o começo da narrativa é apresentado através de adjetivos que fazem o leitor identificá-lo como um ser humano de alma generosa, disposto a ajudar o próximo, —E ao coração tocou-lhe piedoso interessell...(REIS, 2018, p.19), porém sabendo o lugar que lhe foi resignado, a senzala.

Reis segue descrevendo Túlio como uma pessoa que sente a dor da escravidão ele esconde essa dor no silêncio da sua alma, —resignava-se; e se uma lágrima a desesperação lhe arrancava, escondia-a no fundo da sua miséria...Entretanto o pobre negro, fiel ao humilde hábito do escravo...(IBIDEM, p.69). Essas palavras demonstram que Túlio tinha consciência da sua miserável condição humana, igualada à condição de um animal, a ele não fora dada sequer um resquício de humanização para com sua pessoa, essa condição que é apontada também por Douglass, A grande maioria

dos escravos sabe tão pouco sobre sua idade quanto os cavalos o sabem (DOUGLASS, 2018, p. 37). Representando a reificação (MARX,1867), pois o negro escravo deixou de ser humano e é coisificado. Quando conhece Tancredo, Túlio contemplava-o silencioso até que por último exclamou: Homem generoso! Único que soubeste compreender a amargura do escravo! Tu que não esmagaste com desprezo a quem traz na fronte estampado o ferrete da infâmia!! (IBIDEM, p.27), ele se admira de vê-lo tratar tão bem, nunca alguém o tratou com ternura. A partir deste momento o escravo conheceu este moço branco generoso, que o trata com dignidade, Túlio deseja que sua vida seja para servi-lo, e de perto de Tancredo não quer mais afastar-se.

Túlio agora alforriado, pode sentir a angústia de ser livre, Estavam já feitos os aprestos da viagem, e Túlio, entanto no meio da sua felicidade, parecia às vezes tocado por viva melancolia, que se lhe debuxava no rosto, onde uma lágrima recente havia deixado profundo sulco (IBIDEM, p. 67). Fazer uma escolha, tomar uma decisão, segundo Sartre (1998), é o que torna o homem livre. Porém, essa liberdade traz consigo a angústia de ter que decidir, escolher, essa decisão é que tornará o homem liberto, É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão. (SARTRE, 1998, p.72).

Sendo sua primeira decisão de liberdade, ele teve que escolher entre seguir seu libertador ou ficar e cuidar de suas senhoras que até o momento lhe foram bondosas como sugere a escrava, mãe Suzana, Que te adianta trocares um cativo por outro! (IBIDEM, p. 68).Após a morte do esposo de sua senhora, os escravos daquela fazenda não foram mais maltratados como dantes, no entanto continuaram como escravos.

Quando Túlio segue Tancredo por gratidão ele estava trocando um cativo por outro, aquela escrava tenta levar Túlio ao conceito de liberdade, em ser livre na consciência, mas que para ela isso seria impossível uma vez tendo provado a amargura da senzala, agora só a morte poderia libertá-los.

Fanon afirma que o negro pós-colonial é um animal, por sua falta de liberdade de consciência, pressupõem-se que há no negro alforriado ou pós-colonial, uma falta de raciocínio lógico, falta de amor-próprio, —O que nós queremos é ajudar o negro a

se libertar do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial (FANON, 2010, p.44), isso pode ser visto nas atitudes de Túlio Iludi-la! — respondeu ele, rindo-se de felicidade — E para quê? Mãe Susana, graças à generosa alma deste mancebo, sou hoje livre, livre como o pássaro, como as águas; livre como o éreis na vossa pátria.(REIS, 2018, p. 69).

No entanto, Túlio estava preso na sua negrura (FANON, 2010) e decidiu seguir Tancredo. Ele não consegue ser livre, pensar em si fora da escravidão, as algemas da escravidão física lhes foram tiradas, comprou sua liberdade, porém em sua consciência as amarras da escravidão permaneciam, para ele cabia ser servo daquela *alma generosa* até o fim da vida. — Tu! Tu livre? Ah, não me iludas! — Exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. — Meu filho, tu és já livre?... (IBIDEM, p. 69), exclama Susana, que um dia, ao contrário de Túlio, foi livre, nasceu livre na África e liberdade ela só conheceu na sua terra natal ainda moça, após isso não há liberdade; somente a morte poderia apagar aquela dor. —Liberdade! Liberdade... ah! Eu a gozei na minha mocidade!! (IBIDEM, p. 69). Mesmo que naquele dia ela recebesse a carta de alforria, a liberdade não seria a mesma que um dia ela sobrepujou, pois, os traumas deixados pela escravidão não podem ser deixados para trás como afirma Caruth em sua obra *Experience Trauma, Narrative, and History* (1996), a ferida traumática retorna inconscientemente.

O nosso Túlio nasceu no seio da senzala, presenciou a maldade de seu algoz para com sua mãe, que morreu no trabalho forçado. Muita dor e desgosto o escravo tem guardado em sua alma, as cadeias da amargura prendem seu ser. Não há relato de que Túlio ou outra personagem negra tenha tido acesso à educação formal ou a qualquer tipo de letramento, apenas relatos que nascera e crescera em uma região seca árida pertencente ao Norte do Brasil onde viveu até a sua idade de 25 anos no trabalho forçado, passando a andar ao lado do seu libertador até o seu fim, ele morre em combate defendendo Tancredo.

Quanto ao nosso segundo personagem, Frederick Douglass, é uma personagem autobiográfica, que já conceituei anteriormente, ele testemunha em seu favor.

Enquanto na escrita de Reis vemos o estilo romântico para apresentar ao leitor a vida de escravidão, buscando aguçar no leitor a melancolia e insatisfação para com a situação do escravo, em Frederick Douglas temos a escrita direta, a linguagem

apresenta economia de adjetivos, é mais concentrada nos verbos, como testemunhas dos fatos, fala do chicote e do sangue que iguala o ser humano à condição animal, causando repúdio à situação sub-humana do escravizado.

Frederick nasceu no seio da escravidão, filho de uma escravizada com um homem branco, a quem ele não conheceu. Na região onde vivia o costume era separar as crianças de suas mães aos 10 meses, — Por que essa separação é feita, eu não sei, amenos que seja para aleijar o desenvolvimento da afeição da criança pela mãe, e destruir a afeição natural da mãe pela criança. Esse é o resultado inevitável (DOUGLASS, 2018, p. 34), da mesma maneira que os animais são separados de suas mães.

Segundo ele, pode ver sua mãe no máximo 4 ou 5 vezes durante sua infância, encontros que ocorriam somente à noite, relata que sua mãe morreu por volta dos 7 anos de idade dele, não havendo assim tempo para ela lhe dizer quem era seu pai, ou algo mais sobre si.

A personagem relata também que não sabia qual a data precisa de seu aniversário — A grande maioria dos escravos sabe tão pouco sobre sua idade quanto os cavalos sabem, e é a vontade da maior parte dos senhores que conheço manter os escravos ignorantes do fato. (IBIDEM, p. 37), ele não sabia quem era seu pai, e afastado de sua mãe ainda muito cedo, negando-lhe qualquer vestígio de identidade, não sabe o que é existir e não tem a percepção de liberdade.

Assim identificando uma das medidas do sistema escravocrata de silenciar o escravizado, era negar-lhe a sua identidade. Todas as atitudes supracitadas eram meios de silenciar o escravizado, cerceando a liberdade física e também a liberdade psicológica, qualquer inquietação interna que levasse o escravizado a desejar manifestar interesse por sua humanização lhe eram proibidos.

Quando Frederick se muda da casa onde nascera, não há o menor resquício de apego ou familiarização com sua infância naquele lugar.

Os laços que normalmente amarram as crianças a seus lares não se aplicavam no meu caso. Eu não achei difícil partir — meu lar não tinha nenhum atrativo, não era um lar para mim; ao deixá-lo, não senti estar deixando nada que pudesse ter desfrutado caso ficasse. Minha mãe estava morta, minha avó vivia longe, de modo que dificilmente a via. Eu tinha duas irmãs e um irmão, que viviam comigo, mas a separação precoce de nossa mãe havia quase apagado nosso parentesco da memória. Eu buscava um lar em um lugar diferente, e estava confiante de que não encontraria um lugar de que gostasse menos do que aquele que estava deixando.

(DOUGLASS, 2018, p, 69).

Sua alma deseja a liberdade que o homem branco goza, um lugar longe das chibatas que rasgam as costas negras de seus irmãos de cor. Após ter se mudado para a cidade, ele teve o privilégio de ser alfabetizado por sua nova dona, porém foi interrompido pelo seu senhor que via a educação como uma maneira que induzir o escravizado a buscar sua liberdade, tornando-o inútil para o serviço;

O aprendizado pode *estragar* o melhor negro do mundo. Agora, disse ele, se você ensinar esse negro (falava de mim) a ler, não teríamos como mantê-lo. Isso iria incapacitá-lo para sempre como escravo. Ele se tornaria imediatamente indócil, e inútil para seu senhor. E não faria nenhum bem a ele, mas muito mal; o aprendizado faria ele descontente e infeliz. (IBIDEM, p 74, grifo do autor).

Ao ouvir essas palavras, Frederick logo entendeu que encontrara o caminho para sua tão sonhada liberdade, e descobre ali a resposta para todos os seus questionamentos diante escravidão

— bem quando eu estava triste por ter perdido o auxílio de minha gentil senhora, me alegrei à luz do segredo valioso que meu senhor tinha, por acidente, deixado escapar. Embora soubesse da dificuldade de aprender a ler sem um professor, tive a partir dali um propósito fixo e grandes esperanças. ( IBIDEM, p. 75).

E a partir daquele dia em diante Frederick não mede esforços para conseguir seu propósito, aprender a ler e escrever. Sua senhora se opõe contra seu letramento de todas as maneiras sempre o vigiando, garantindo que não ficasse a sós, e assim, tendo acesso aos jornais ou livros, —Ela era uma mulher inteligente, e um pouco de experiência logo provou a ela que a escravidão e a educação eram incompatíveis. (IBIDEM, p.80).

O tempo em que permaneceu na cidade aproveitou para aprender o ABC, mesmo que negociando comida com os meninos brancos de rua, e ao aprender ler ele tem outra percepção de sua pessoa, —Eu, agora, tinha um novo entendimento da degradação da minha condição. (IBIDEM, p.87), agora que ele teria que fazer parte de uma partilha de herança, teme que deixe a cidade e retorne à zona rural, onde seria outro tipo de escravidão, mais ferrenha e longe de seus livros. —Um escravo, na cidade, é quase um homem livre, comparado ao que passa um escravo na fazenda. (IBIDEM, p. 75).

Essa percepção sobre a sua miserável condição humana se deve pelo seu acesso ao letramento, mesmo que tenha sido pouco. A educação, segundo Freire em a *Pedagogia do Oprimido* (1970), tem o poder de iluminar a mente do ser humano fazendo-o pensar em sua condição no mundo. Embora Freire não trate de ficção, esse conceito é de extrema relevância para refletir sobre a influência do letramento na autobiografia de Frederick Douglass. Essencialmente pela relação entre autobiografia e a vida.

Quando Frederick retornou à fazenda, seu senhor identificou que estivesse impróprio para o trabalho devido ao que viveu na cidade, e o manda para o Sr Covey onde seria domado, tratar a foça bruta um animal, subjugar domínio, outra forma que se remete a tratar o negro como animal. Há uma consciência no escravagista do perigo que o escravo pode oferecer caso aprenda a ler escrever, se tornando um ser pensante, um ser crítico (FREIRE, 1970).

Se houve um ponto da minha vida em que a escória amarga da escravidão me foi mais amarga de beber do que nos demais, foi nos primeiros seis meses da minha estadia com o Sr. Covey... Eu era um tanto intratável quando cheguei lá, mas alguns meses de sua disciplina me domaram. O Sr. Covey teve sucesso em me quebrar — tive tanto meu corpo quanto meu coração e alma partidos. Minha plasticidade natural foi esmagada meu intelecto definhou, a disposição para ler foi-se embora, a fagulha alegre que brilhava em meus olhos morreu; a noite negra da escravidão se fechou sobre mim, e, ali, fui um homem transformado em bicho (DOUGLASS,2018 p. 108).

De todas as formas o escravagista encontrava meios para manter os seus escravizados ocupados e fadigados, assim não teriam como pensar - sem liberdade de consciência - ou se manifestar contra sua cruel realidade, se tentasse fugir, cansados e com fome, logo seriam pegos.

O silenciamento a qualquer custo garantia a prevalência da escravidão.

—Nosso destino estava para ser decidido. Não tínhamos mais voz nessa decisão do que os cavalos e porcos listados conosco. (IBIDEM, p.93), sem voz, sem liberdade sem o mínimo de humanidade, até os animais tinham mais vida que os escravos, a objetificação do ser humano mais uma vez evidenciada.

A partir do momento que Douglas aprendeu a ler, ele descobriu uma nova visão de mundo, como se quebrasse o silêncio, e por mais que ele siga sendo silenciado pelo sistema escravocrata, fica claro que seu posicionamento é diferente dos outros



escravos, —Deixei Baltimore com o coração novo transbordando de tristeza e a alma cheia de apreensão. (DOUGLASS, 2018, p. 95), ele estava sempre se indagando o porquê de tanta crueldade, tanta omissão para com o ser humano.

Mas é debaixo da maior opressão, que Frederick se redescobre, —Se houve um ponto da minha vida em que a escória amarga da escravidão me foi mais amarga de beber do que nos demais, foi nos primeiros seis meses da minha estadia com o Sr. Covey. (IBIDEM, p.108). Em certa ocasião, ao ser açoitado por seu doutrinador ele se revolta e vai contra ele, entrando em luta corporal, a partir desde momento Frederick não só passa a ser temido por seu doutrinador, mas agora ele realmente passa a confiar em sua força interior como um ser humano e não mede esforços para conseguir fugir e se tornar livre.

Ao fugir para a Nova Iorque, ele sente a sensação de liberdade descrita em Sartre, —me encontrei na grande cidade de Nova Iorque, um HOMEM LIVRE — um a mais na multidão que caminhava entre os muros imponentes da Broadway como as ondas confusas do mar bravio. (IBIDEM, p. 184), aceitando sua angústia de escolhas em meio ao —mar bravo.

Mas a sua liberdade tinha alguns obstáculos a serem superados já que, —Não tinha nome, conhecidos, dinheiro, crédito, trabalho e nem conhecimento suficiente para decidir que caminho trilhar ou em que lugar procurar ajuda. (IBIDEM, p.187). Viu em sua frente um mundo novo, mas foi alertado de que não poderia confiar seu segredo a qualquer pessoa mesmo que de cor, pois corria o risco de ser traído.

No entanto, na região Norte dos Estados Unidos as pessoas tinham uma outra visão do negro, uma visão mais humanizada, e logo ele conseguiria auxílio para se estabelecer na sociedade.

Ao conseguir seu primeiro trabalho remunerado, o qual ele quis fazer e não foi forçado, ele se quer deu valor que queria receber pela prestação do serviço, —O que você cobra?, perguntou a moça, —Deixo isso com a senhora, madame. —Pode começar, (IBIDEM, p.192). Sentiu uma emoção que segundo ele não se explica, só quem foi escravo um dia poderia saber.

As personagens retratam suas dores, angústias, o sofrimento nas correntes da escravidão, e demonstram como alcançaram suas respectivas liberdades.

Por mais que Frederick relate mais suas dores pelo uso da linguagem denotativa, Túlio também deixa claro a amargura das feridas causadas em sua alma

pela escravidão como descreve em suas palavras: — Por quê! — repetiu Túlio — porque eu havia prometido a mim mesmo, e às cinzas de minha mãe, nunca mais trilhar esta maldita estrada: porque sentirei pungentes e tristes recordações ao passar pela fazenda de Santa Cruz. (REIS, 2018, p. 96). Em contraste, a relação de ambos com a educação é divergente.

Enquanto Túlio viveu somente em zona rural e não teve acesso à educação letrada, Frederick viveu a experiência da escravidão na zona rural e a escravidão na zona urbana, que segundo ele é mais amena, ele conseguiu ter acesso à educação letrada, mesmo que com muita dificuldade.

Se para Fanon (1952) o negro que busca a cultura branca se embranquece, um negro de máscara branca, pelo menos Douglass usa a cultura de herança europeia como arma na luta pela abolição da escravidão. De outro lado Túlio segue Tancredo não por gratidão pela alforria que por ele lhe fora concedida, mas como disse Fanon (1952), todo negro almeja se tornar branco, e ficar ao lado do homem branco talvez o faça se sentir mais digno.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir este mosaico, após a análise das personagens, considero que é vital o trabalho acadêmico sobre as literaturas de autoria negra, pois a modernidade nasce através do submundo da escravidão, e os relatos das personagens negras são imprescindíveis para se entender a conjuntura da sociedade atual e como afirma Frederick Douglass só quem foi escravo sabe definir o que representa ser livre e ter direito a perceber valor monetários pelo trabalho. As vozes amargas encenadas no palco deste trabalho nos ajudaram a entender o caminho escolhido por cada personagem após alçarem suas respectivas liberdades. Por mais que Túlio não saiba ao certo o que fazer com sua liberdade, ao se ver livre dedica sua vida a servir quem o libertou por gratidão. De outro lado, Frederick Douglass busca lutar por uma causa maior, a libertação dos escravos esperando que —este humilde livro possa fazer algo para lançar a luz sobre o sistema da escravidão americana e apressar o dia feliz da libertação para os milhões de meus irmãos agrilhoados;ll (DOUGLASS, 2018, p.175 ).

Talvez se Túlio tivesse tido acesso a uma educação letrada como Frederick Douglass, ele teria outro olhar sobre si e escolheria trilhar caminhos diferentes, pelos quais não teria morrido ao lado de Tancredo pela mão do seu algoz.

Vejo a educação letrada como uma das formas libertadoras do ser humano representada em uma das obras lidas, uma maneira de introduzir pessoas de grupos minoritários à sociedade, sociedade que negou e insiste em negar o direito de cidadania ao negro. É um trabalho que a educação proporcionará com a participação de social, pois a educação possibilita que as pessoas se deem conta de sua condição de prisioneiros (oprimidos, silenciados), e busquem a sua libertação.

## REFERÊNCIAS

ANDRETA, Bárbara Loureiro. **Visões da escravatura na América Latina: —Sabll e —Úrsulall**. 2016. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Artes e Letras. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

CANDIDO, Antonio.,GOMES, Paulo Emílio Salles., PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DOUGLASS, Frederick. **Narrativa da Vida de Frederick Douglass, Um Escravo Americano**. São Paulo: Aetia, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Marcos Antônio Alexandre, org. Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. (1952). Salvador: Editora Edufba, 2008. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 64ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. 253 p.

GUIMARÃES, Bernardo — **A Escrava Isaura**, 5ª ed. São Paulo, Editora Melhoramentos, 1963, 164 pp.

JESUS. Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP editora, 2014.

KRISTEVA, Julia. **História da Linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1974. Introdução à semianálise. São Paulo: Perspectiva, 1974. . Introdução à 25 semianálise. Trad. de Lúcia Helena França Ferraz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LEJEUNE, Philippe. **Definir autobiografia**. In MOURÃO, Paula (org). **Autobiografia. Autorrepresentação**. Lisboa: Edições Colibri, 2003.

MARX, K. **O Capital - Livro I — Crítica da economia política: O processo de produção do capital**. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder e classificação social**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa.; MENESES, Maria Paula G. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2009. Edição comemorativa dos 150 anos do romance. , Maria Firmina dos. **Úrsula**. ColeçãoAcervo Brasileiro. Volume 2. Projeto editorial integral de Eduardo Rodrigues Vianna. Disponível somente em formato digital (E-book). Jundiaí: Cadernos do Mundo Inteiro, 2018.

RODRIGUEZ, Junius P. (ed). **Encyclopedia of Slave Resistance and Rebellion**. BURNARD, Trevor. **Mastery, tyranny and desire**: Westport, CT: Greenwood, 2006.

Thomas Thistlewood and his slaves in the anglo-jamaican world. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press, 2004. SARTRE, J. P. O existencialismo é um humanismo. Tradução: Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril S.A., 1973.

SHAKESPEARE, William. **O Mercador de Veneza**. Porto Alegre: L&PM, 2008. Fontes Eletrônicas DOCUMENTARIO A ponte. [S. l.: s. n.], 2013. Disponível em: <https://youtu.be/Rs0mbQBddag>. Acesso em: 9 set. 2021.

D'ANGELO, Hêlo. Quem foi Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista brasileira, 2017 Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis/> . Acessado em:6 de janeiro de 2022.

XIMENES, Sérgio Barcellos. *O retrato falso de Maria Firmina dos Reis*. In: Medium, 27.1.2020. Disponível no link. (acessado em 6.1.2022).